

Fé versus Prova

Greg L. Bahnsen

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

Outros oponentes da fé cristã, como uma classe adicional de críticos em adição àqueles considerados em nosso último estudo,² protestam contra a presença de qualquer atitude de fé (ou confiança) num sistema de pensamento de uma pessoa. Eles mantêm, arrogantemente, se não ingenuamente, que não crerão em nada que não tenha sido primeiro plenamente provado para eles. Eles são guiados por prova, não por fé!

Eles gostam de pensar que possuem o espírito de René Descartes (1596-1650), o erudito francês e teórico do conhecimento que se tornou o principal filósofo da “Era da Razão”. Descartes afirmava que os homens deveriam aspirar perceber e seguir um método confiável e apropriado para chegar às suas crenças.³ De acordo com o modo de pensamento de Descartes, esse método deveria ser o de duvidar e criticar tudo o que pudesse, não aceitando nada como verdadeiro que não fosse claramente reconhecido como tal (coisas que são auto-evidentes) ou que não fosse completamente apoiado por outras verdades fundacionais claras e distintas.

Descartes procurava duvidar de todo pensamento que entrasse em sua cabeça (e.g., ele está realmente comendo uma maçã ou apenas sonhando que está?) até que ele descobrisse algo que fosse indubitável. A dúvida sistemática seria a porta para a certeza final pra ele.⁴ Todavia, Descartes reconheceu que ele não poderia duvidar ultimamente de tudo. O indubitável se revelaria como sendo o ponto de parada do seu método – e o ponto de partida teórico para todo outro raciocínio.

¹ E-mail para contato: felipe@monergismo.com. Traduzido em Outubro/2006.

² <http://www.cmfnow.com/articles/pa110.htm>.

³ O que dizer sobre suas crenças *sobre o método apropriado*, então? Essas crenças também são alcançadas por meio desse método apropriado? Se sim, elas não têm nenhuma autoridade ou fundamento independente (é um argumento circular)! Se não, então o que foi considerado como o método apropriado para chegar às crenças não é fundacional de forma alguma.

⁴ Descartes sentiu que seu método trá-lo-ia finalmente à verdade indubitável e fundacional que ele mesmo existia. Mesmo que cresse que algo mais fosse uma ilusão, ele pelo menos precisava existir para duvidar em primeiro lugar. Dessa forma, o famoso pronunciamento: “Eu penso, logo existo”. Mas Descartes não foi aqui escrupuloso o suficiente como um filósofo. Ao tomar como sua premissa “eu penso”, ele já tinha evitado a questão da sua existência (afirmando o “eu”). Na verdade, isso não é mais útil que argumentar: “Eu fecho, logo existo”. Descartes deveria ter postulado mais rigorosamente apenas que “o pensamento está acontecendo” – a partir do que *não* se seguiria logicamente que “eu existo”.

Os imitadores atuais de Descartes, que alegam duvidar de absolutamente tudo e não aceitar nada, exceto sob prova, agem ou falam como tolos arrogantes. Ninguém pode duvidar de tudo. Ninguém! Se uma pessoa fosse duvidar verdadeiramente de tudo – sua memória das experiências passadas, suas sensações presentes, as “conexões” entre experiências, o significado de suas palavras, os princípios pelos quais ele raciocina – ele não estaria “pensando” de forma alguma (muito menos duvidando), e não existiria nenhum “ele” para pensar ou não pensar. Uma série fundamental (logicamente básica) de crenças – uma fé – é inevitável para qualquer um.

Os homens apenas continuam se iludindo quando dizem que não aceitarão algo sem prova ou demonstração – que não permitem nenhum lugar para a “fé” em sua perspectiva ou no viver de suas vidas. Da mesma forma, tais incrédulos que criticam os cristãos por apelar à “fé” são hipócritas intelectuais – homens que não podem e não vivem por seus próprios padrões declarados de raciocínio.

Fonte: Extraído e traduzido do capítulo “The Problem of Faith”, de Greg Bahnsen, *Always Ready*.